

OS TESTEMUNHOS DAS “ESCOLAS DE LER E ESCREVER” – 1549–1553: UMA ANÁLISE SOB O VIÉS DO CONTATO LINGUÍSTICO

Viviane Lourenço Teixeira (SME e SEDUC-Saquarema)
viviane_lourenco@id.uff.br

Ao partirmos do conjunto de cartas dos *Monumenta Brasiliae* (LEITE, 1956), para analisar a formação das “escolas de ler e escrever” na América portuguesa quinhentista, busca-se com esse exposto trazer à luz testemunhos da educação intercultural no período do Brasil Quinhentista. Nos relatos que compõem esse conjunto de epístolas, percebe-se que a teoria do contato linguístico, serve como “ponto de ancoragem” (SWIGGERS, 2013) para interpretar o processo de alfabetização latino-portuguesa empregado pelos missionários no recorte temporal estabelecido: 1549–1553. Pierre Swiggers (2009; 2013), Ronaldo Batista (2013; 2016; 2019) e Hildo Honório Couto (2007; 2015; 2016), são alguns teóricos que nos auxiliam em nossa análise, visto que se utilizou a Historiografia (da) Linguística e a Ecolinguística como referencial metodológico. Estes foram de grande valia em reflexões que passaram tanto pelos pressupostos da Ecolinguística – definições de Povo, Território e Língua – quanto da HL e da linha de pesquisa da LM (Linguística Missionária). Ressalta-se a importância de a catequese e a conversão religiosa serem as principais atividades missionárias relacionadas às alianças interculturais estabelecidas entre esses dois povos. Sob à luz disso, foi possível comprovarmos que, no processo de alfabetização, os missionários jesuítas estabeleceram, a partir do pensamento linguístico humanístico, uma comunicação intercultural.

Palavras-chave:

Ecolinguística. Alfabetização intercultural. Contato linguístico.